

A terra ensina a esperar pela casa

Em um de seus diários mais famosos, intitulado *Um falcão no punho*, a escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol afirma que se sente de passagem em sua própria casa, quando exilada em Jodoigne, na Bélgica. Na leitura dos fragmentos de Llansol, afinal, vemos o quanto empreender um diário é praticar, continuamente, algum tipo de volta para casa.

Mas esse teto que se busca, nos diários da portuguesa, não se trata do que falou Virginia Woolf, em sua obra clássica. É uma casa na qual se pode escrever e criar como também onde se toma, por fim, a consciência do corpo e das possibilidades dele em determinado espaço e nação.

Em *Arquitetura do sim - fragmentos de um diário da Ásia*, de Sarah Valle, os deslocamentos passam por espaços místicos e, ao mesmo tempo, tão cheio de corporalidades. Acompanhada de Joana, a narradora fala sobre um cotidiano de trabalho e construção em cidades e povoados tailandeses.

Muito longe de casa e de sua língua, Julia *performa* a

representação tradicional da estrangeira que procura uma casa por onde passa. Entre os arrozais e os lençóis de camas desconfortáveis, encontra algum tipo de resposta no corpo e em Joana, que configura quase como um espaço outro, onde está o "amar mais puro"; confessa a personagem: "Meu corpo era impossível. Para além de Joana, assumia-se mudo e, querendo explicar-se, adolescente, falhava".

A escrita de Valle é concisa de uma maneira que, ao fim de cada frase, não parece que nada precisa ser dito ou acrescentado; como os últimos versos de algum poema preferido ou frases que parecem perdidas em manuscritos antigos e, após a descoberta e nossa leitura, brilham por muito tempo no presente: "Essa mente inclinada encontra sua inspiração e engrandece seu coração enquanto dorme. Essa mente lamenta-se cada vez menos."

Similar aos diários de Llansol, a presença de elementos do relevo natural também é constante e dialoga com a busca pela compreensão do corpo que perpassa também por algo

que não é inteligível ou que é da ordem do oculto da terra. A montanha existe como aviso de que as personagens precisam tentar alcançá-la, afinal, uma paisagem só se faz a partir do que se pode extrair dela.

Afirma a narradora: "Tenho 20 anos e escrevi o que deveria. Poetas deveriam cansar-se de si. Penso que poderíamos acrescentar maritacas a esta montanha. Respeito tudo o que aniquilo. Há um silêncio crescendo em mim. Não o temo."

O "cansar-se de si", aqui, funciona tal qual questionamento literário. A exaustão do poeta é sinal de que tudo já foi dito? O espaço pode ainda ser narrado mesmo depois do crescimento do silêncio? Calar para que, então, se possa aniquilar – mas o que resta do que foi destruído?

A paisagem como resultado do desaparecimento da palavra e, dessa maneira, o corpo como resto do silêncio. Pensar na arquitetura do sim é também observar que tipo de afirmação a escrita investiga e como ela permanece quando nada

mais será dito. O que se afirma, nos fragmentos de Valle, enfim, é que sentir na pele o espaço não é necessariamente da ordem da solidão, assim como a escrita também pode acontecer em conjunto, em qualquer tipo de comunhão entre os corpos.

Desse modo, o livro de Valle configura um tipo de força que se vale do reverso como gesto que sustenta: "Tudo aqui me fortalece (...). Se me canso por um instante, é para logo em seguida mover-me com mais fome e ação." (Priscilla Campos).



DIÁRIO

Arquitetura do sim

Autora - Sarah Valle

Editora - Cozinha Experimental

Páginas - 95

Preço - R\$ 30